

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

# DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

  
ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

# Dicionário das Crises e das Alternativas



## **DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS**

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, nºs 76, 78 e 79  
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901  
www.almedina.net · editora@almedina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

é possível um sistema produtivo expandir-se ilimitadamente com base em recursos que, por definição, são limitados.

Destas críticas ao crescimento surgem várias propostas de reforma ou transformação do sistema produtivo, desde a introdução de indicadores alternativos ao PIB na contabilidade nacional até ao pós-crescimentismo (onde se inclui o decrescimentismo). Em particular, as propostas pós-crescimentistas, de inspiração tão diversa como o budismo, o “bem viver” indígena, o eco-socialismo, o autonomismo ou o localismo, visam a reorientação do sistema produtivo para a satisfação das necessidades humanas essenciais, desligando o emprego e a proteção social em relação ao crescimento. O que estas propostas têm em comum é a ideia de que a sustentabilidade, social e ambiental, é incompatível com o crescimento. Por outras palavras, para os pós-crescimentistas a expressão “crescimento sustentável”, muito em voga em contexto de crise, é uma contradição nos termos.

*Ricardo Coelho*

## **Criatividade**

A criatividade é vista normalmente como pertencendo à esfera individual ou como característica de grupos restritos de artistas. Mas, na realidade, ela manifesta-se sempre em interação com o todo social. Nessa medida, a crise atual, ao ser capaz de se infiltrar nas subjetividades dos artistas, ao poder atingi-los na esfera mais íntima, pode ter efeitos destrutivos, provocar angústias, dúvidas, sofrimentos e conduzir ao desânimo. Mesmo sabendo-se que muitos artistas foram capazes de criar, desde obras de arte, até obras de vida, nas mais adversas circunstâncias históricas.

A crise atual do capitalismo coloca vários desafios aos artistas que vivem e fazem o seu trabalho nos países das periferias europeias. Uma das suas vertentes é o avanço da ofensiva contra a participação do Estado no apoio às artes minoritárias, visando diminuir essa participação e considerar o mercado e os seus critérios como os únicos relevantes. Esta posição, que se vem manifestando há décadas, segue em paralelo com os ataques ao Estado Social europeu e pode traduzir-se no aumento do peso da indústria cultural de massas, dominada amplamente pelos Estados Unidos. Nem todas as práticas artísticas têm o mesmo grau de mobilidade e de independência. Quanto menor for o número de pessoas envolvidas, maiores serão as possibilidades de inventar soluções. Mas o desafio em questão passará inevita-

velmente pela criação de novos contextos de trabalho, de novas redes, de novas formas de enquadramento institucional e, forçosamente, por uma elevada capacidade de autorreflexão: Qual é o meu lugar neste mundo? De que forma o meu trabalho se pode relacionar com as pessoas, o que é que eu posso fazer, organizar, criar, incentivar ou inventar nessa direção?

Certamente que haverá lugar para o protesto, a reivindicação justa, a reclamação do direito à presença no espaço público, para além daquilo que é fornecido em pacotes pela indústria cultural hegemónica. Mas este tipo de ação, o protesto, ganhará se for acompanhado pela autorreflexão crítica e produtiva e pelo contributo ativo para a formulação de alternativas.

*António Pinho Vargas*

## **Criminalidade**

O *agendamento* mediático da criminalidade privilegia duas abordagens: crescimento exponencial dos crimes de furto e de roubo e combate ineficaz das instâncias policiais e judiciais. A incidência desta agenda, ainda que os indicadores a não confirmem totalmente, tem um forte impacto, tanto nas representações dos cidadãos sobre o sistema de justiça penal, como nas políticas públicas de combate à criminalidade. A ampliação do sentimento de insegurança facilita o caminho de políticas securitárias mais restritivas de direitos e liberdades, mais carcerárias e mais seletivas.

Os estudos e os indicadores conhecidos sobre a criminalidade permitem um outro ângulo de abordagem. Mostram como as respostas à criminalidade, por parte dos poderes político e judicial, são estruturalmente muito desiguais: mais assertivas para determinados tipos de crime e mais brandas para outros. O combate à corrupção e à criminalidade económica em geral, crimes altamente predadores do Estado social e da democracia, responsáveis em parte pela crise económica que o país atravessa e pela desestruturação social, também ela indutora do aumento da criminalidade que ameaça diretamente os bens e a integridade física dos cidadãos, tem-se traduzido em políticas e práticas judiciárias muito pouco eficazes. Perdidos no emaranhado de leis e na teia burocrática dos tribunais, os poucos processos que vão sendo investigados e acusados (o peso relativo destes crimes no conjunto da criminalidade é muito baixo, suspeitando-se de taxas elevadas de criminalidade oculta) acabam, com muita frequência, com um saldo favorável ao agente do crime: absolvido de uma acusação que o Ministério Público,